

Historiador público e podcaster: Os estúdios historiográficos de Daniel Gomes Carvalho e a divulgação científica de história

Fagno da Silva SOARES¹

Entrevista realizada em 04 de março de 2025, com o historiador público Daniel Gomes Carvalho, Professor de História Moderna do Departamento de História da Universidade de São Paulo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Jovem historiador público brasileiro, destacado especialista nos estudos em História Moderna, com ênfase no temário político-religioso na Inglaterra, França e América do Norte no século XVIII. Atualmente é Pesquisador Visitante na George Washington University (GWU-EUA). É autor de livros acadêmicos, didáticos e paradidáticos da área com significativa atuação na divulgação científica de História tendo sido um dos idealizadores do Podcast e Canal no Youtube “História Pirata”. Durante a entrevista, o professor tratou brevemente de sua história de vida e trajetória acadêmico-profissional e de como a História Moderna e a História Pública o alcançaram. Ele realizou reflexões sobre os desafios de divulgação científica de história no Brasil, de qual tem sido o espaço público dos historiadores/as, passando pelo temário da Revolução Francesa até os horizontes de perspectiva do Canal “História Pirata”.

¹Doutor em Geografia Humana (FFLCH/USP) e Doutorando em História (FFLCH/USP). Mestre em História do Brasil (UFPI). Licenciado em História (UEMA). Bacharel em Museologia e Antropologia (Uniassevi). Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Oral, da Universidade de São Paulo (NEHO/USP). Líder do CLIO & MNEMÓSINE - Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória (IFMA) e do Laboratório de Humanidades – Ubuntu (IFMA). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Açailândia. MA. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0829-300> E-mail: fagno.soares@ifma.edu.br

Daniel Gomes de Carvalho é professor do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Sua produção acadêmico-intelectual gravita em torno das temáticas da História Moderna, com reconhecido contributo na divulgação científica de História através do Canal “História Pirata”, sobretudo, no alargamento dos estudos em Iluminismo, Revolução Francesa e Independência dos Estados Unidos no Brasil. É licenciado e bacharel em História (2012) e doutor em História Social (2017). Atualmente é pesquisador visitante na *George Washington University* (EUA, 2025-2026), sob supervisão de Denver Brunsman. Foi também professor de História Moderna e Contemporânea no Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB, 2021-2024), tendo sido coordenador do Curso de História (UnB, 2022-2023). Participa do Conselho Editorial e Consultivo de importantes periódicos nacionais e internacionais na área da História, como assessor *ad hoc* dos principais periódicos da área, tendo atuado como editor-chefe da Revista História Histórias, da UnB (2023). É um dos diretores do Laboratório de Estudos sobre o Brasil e o Sistema Mundial (Lab-Mundi) da Universidade de São Paulo (USP) vinculado à *Global History Network*, da *Harvard University* (EUA) coordenando o Núcleo de Pesquisa “Iluminismo, Revoluções e História Intelectual”. É também membro do Laboratório de História Social (LHS), Grupo de estudos e pesquisa Intelectuais e Política nas Américas (UNESP/Franca), Rede Brasileira de Estudos de História Moderna (RBEHM), *Thomas Paine National Historical Association* da *International Federation for Public History* (IFPH). Em sua produção acadêmico-intelectual destacam-se os seguintes livros de sua autoria, a saber: *Revolução Francesa* (Contexto, 2022) e *Thomas Paine e a Revolução Francesa* (Editora Fino Traço, 2023) e dentre outros. É também um dos responsáveis pela criação do Podcast e Canal no Youtube “História Pirata”.

Fagno da Silva Soares: Bom dia, caríssimo professor Daniel Gomes de Carvalho. Agradecemos a disponibilidade e o modo tão solícito e gentil, que de pronto se dispôs para esta entrevista conosco, e, por conseguinte, registramos nossa satisfação em realizá-la. Tomaremos como mote inicial desta nossa interlocução, a sua trajetória

pessoal, ou seja, sua história de vida para compreender a profissional, entendemos que para compreender o historiador e podcaster Daniel Carvalho, antes de tudo, devemos pensar sobre sua trajetória pessoal. Sabemos que, de modo geral, a história acadêmica está diretamente articulada a história de vida. Assim, desejamos iniciar em sucintos relatos, ouvindo um pouco de sua história de vida desde a infância, suas primeiras leituras e interesses, bem como, as motivações que o levaram à escolha da carreira de historiador e podcaster. E, afinal, quem é Daniel Gomes de Carvalho?

Daniel Gomes de Carvalho: A articulação entre a vida e a produção acadêmica, sabemos bem, é sempre um problema para os historiadores. Em *Faiseurs d’histoire: Manifeste pour une histoire indisciplinée* (2016), Philippe Gumpłowicz, Alain Rauwel e Pilippe Salvadore discutem os memoriais – na linhagem dos gêneros epistêmicos nascidos na modernidade, como articuladores da “vida” e da “obra” do cientista – como um relato autobiográfico destinado a mostrar como nos tornamos os historiadores que somos ou que acreditamos ser; em todo caso, os historiadores que pedimos aos nossos pares que reconheçam.

Mas, para responder à pergunta, vou dar espaço a um pouco de ilusão biográfica. Nasci em São Paulo, no bairro de Santo Amaro, em 1989. Enquanto a comunidade historiográfica discutia o bicentenário da Revolução Francesa, meu pai ministrava aulas de língua portuguesa na rede pública estadual e minha mãe cursava Educação Artística para tornar-se também professora. Tive a sorte, portanto, de ser filho de professores: na estante de livros de meus pais pude conhecer, ainda na adolescência, textos que estão ou estiveram na bibliografia de meus cursos, como *Freud*, de Peter Gay, e o livro paradigmático *Renascimento*, de meu futuro professor na universidade, o inesquecível Nicolau Sevcenko.

Mas a curiosidade pela história, antes de ser intelectual, era lúdica, e, como no caso de tantos(as) outros(as) jovens, teve sua origem em jogos de RPG, filmes e livros de ficção, especialmente aqueles escritos por J. R. R. Tolkien. De todo modo, penso ser não somente ilusória, mas também perigosa a oposição entre o lúdico e o intelectual, que revela uma indistinção entre aquilo que é sério e aquilo que é sisudo; como pontuou Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal*, o “homem chega à sua maturidade quando encara

a vida com a mesma seriedade que uma criança encara uma brincadeira”. Junto a isso, a prazerosa experiência do ensino de história de meus professores no ensino fundamental e médio me convenceram da possibilidade de seguir a carreira no campo da história.

Quanto à História Pública, foi apenas no último ano de meu doutorado, entre 2016 e 2017, que ingressei com maior afinco no campo, cuja importância e centralidade tem sido tardiamente reconhecida em nossa área. Já havia gravado alguns vídeos a partir de demandas específicas de escolas onde trabalhei; ocorre que eles ganharam uma ampla repercussão e, por conseguinte, fui convidado a fazer parte de um projeto de dois amigos, Ary Neto e Walter Solla, no canal do Youtube *Se Liga Nessa História*. Nos anos seguintes, gravei vídeos de história e de filosofia para o canal, que se tornou por alguns anos a maior plataforma da área de história no país; hoje, embora não seja o maior canal de história e tenha ampliado o escopo para outros campos do conhecimento, ainda conta com quase 1,6 milhões de inscritos. Os vídeos abriram muitas portas, como a elaboração de um material didático em formato de *e-book* e de um site para a Editora Abril, no Guia do Estudante e um livro paradidático, *Filosofia para Mortais*.

Nas primeiras vezes que aceitei gravar vídeos, o fiz a contragosto, meramente por questões financeiras, pois eu era contrário a qualquer forma de ensino remoto ou “EaD”; hoje, por óbvio, continuo acreditando que o ensino presencial é insubstituível, especialmente nos anos iniciais de formação, mas acredito que, como complemento e recurso didático, o vídeo e o *podcast*, desde que bem utilizados e bem produzidos, podem ter o seu lugar (quando Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia*, afirmara que ser contra a tecnologia era como ser contra a comida, fica claro que o ponto crucial é o uso emancipatório ou não dessa tecnologia).

Em maio de 2019, iniciei meus trabalhos na Universidade de Brasília (UnB). O contato com o pesquisador e amigo Bruno Leal foi fundamental para que eu melhor conhecesse, de um ponto de vista teórico, o campo da História Pública e os debates que o envolviam. Assim, em 2020, durante os primeiros meses da pandemia de COVID-19, criei, ao lado do historiador e amigo Rafael Santesso Verdasca, o podcast História Pirata. O Rafael e eu lecionamos juntos no ensino básico, na mesma instituição, entre 2012 e 2019. Desse modo, a ideia inicial do programa seria dar forma e corpo a uma série de debates que já fazíamos entre um intervalo e outro. Hoje em seu sexto ano de

atividade, o podcasts é composto majoritariamente por entrevistas com historiadores(as) especialistas em suas áreas.

FSS: Daniel Carvalho, como a História o encontrou? Fale-nos um pouco das influências teóricas principais que teve durante a sua graduação (bacharelado e licenciatura) em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Quais correntes dominavam a cena acadêmica e como isso o afetou profissionalmente? E conte-nos como foi o doutorado direto em História Social, também na USP, e seu ingresso na carreira universitária, na divulgação científica de História e sua passagem pela UnB. Neste sentido, quais os intelectuais e pensadores/as exerce[ra]m importante papel na sua formação inicial e continuada como historiador brasileiro?

Daniel Gomes de Carvalho: Em 2007, aos 17 anos, ingressei no curso de história da Universidade de São Paulo, onde cursei o bacharelado e a licenciatura. Como desejava ser professor, ainda em 2007 iniciei meus trabalhos como professor de História Mundial no Curso Popular de Pré-Vestibular Alberto Santos-Dumont (CASD), em São José dos Campos.

Nesse período, três leituras foram fortemente responsáveis pela minha escolha pela Época Moderna europeia. Foram elas *A Cultura do Renascimento na Itália*, de Jacob Burckhardt, *Renascimento e renascimentos na arte ocidental*, de Erwin Panofsky, e *Da Liberdade do Cristão*, de Martinho Lutero. Sem dúvidas, passagens tão difíceis quanto deliciosas como “um cristão é um senhor de tudo perfeitamente livre e sujeito a ninguém; um cristão é um servo de todos perfeitamente obediente e sujeito a todos” foram cruciais para tornar durante os longos trajetos de trem e de ônibus entre o Butantã e Santo Amaro. Porém, não é possível separar o prazer proporcionado por essas leituras das inesquecíveis aulas de Modesto Florenzano, meu orientador, que sabia transmitir o amor pelos textos clássicos com profundidade e arte (no sentido burckhardteano do termo).

Entre 2009 e 2010, fiz minha Iniciação Científica, com bolsa FAPESP. A princípio, buscava trabalhar com os textos de Lutero ou de Maquiavel; contudo, meu

orientador apresentou-me uma série de temas que, ao contrário desses dois personagens, tinham sido pouco ou mal explorados. Foi assim que conheci a obra de Thomas Paine e optei por analisar seu panfleto religioso publicado durante a Revolução Francesa, *A Idade da Razão*. Nesse texto, Paine fez uso de argumentos spinozistas para defender que a Bíblia não poderia ser a palavra de Deus; a respeito desse tema, meu argumento central (desenvolvido nos anos posteriores) consiste no fato de que a profissão de fé de Paine é ancorada em uma concepção de sociedade democrática que, por sua vez, é indissociável da Era das Revoluções.

Durante a Iniciação Científica, fui particularmente impactado pela primeira leitura dos clássicos sobre o Iluminismo e sobre a Revolução Francesa, como Cassirer, Paul Hazard e Georges Lefebvre. Em termos metodológicos, tomei contato com os trabalhos de Quentin Skinner e John Pocock, cujas perspectivas, costumeiramente abarcadas com o nome de “contextualismo”, continuam a ser meus principais horizontes metodológicos. Pude também tomar contato com os grandes estudiosos de Paine, como Mark Philp, Gregory Claeys e Harvey Kaye.

Após o término da Iniciação Científica, passei, entre 2011 e 2012, por um período muito difícil, em termos psiquiátricos, e precisei me afastar um pouco da pesquisa. Não obstante, fui generosamente acolhido pelo professor Florenzano, que aceitou me orientar no mestrado, iniciado no segundo semestre de 2012.

O objetivo do trabalho, ambientado metodologicamente na História Intelectual, era articular os panfletos sociais, políticos e religiosos de Thomas Paine na Revolução Francesa, em especial *A Justiça Agrária*, *A Dissertação Sobre os Primeiros Princípios do Governo* e *A Era da Razão*. Cada um dos temas representaria uma espécie de ponto de chegada do pensamento de Paine, revelando inflexões importantes em relação aos seus trabalhos mais conhecidos, produzidos nos Estados Unidos. Desse modo, as conexões políticas intelectuais estabelecidas por Paine deram a esse trabalho uma abordagem transatlântica.

O problema norteador da tese teve origem em uma passagem do início de *A Era das Revoluções*, de Eric Hobsbawm, quando o célebre historiador afirmara que Paine era um “radical” nos Estados Unidos e um “moderado” na França revolucionária; como tentou se provar na tese, a sentença parte de uma unidade do pensamento paineano que

não se verifica nas fontes, as quais dão indícios de um Paine explicitamente mais democrático ao longo da Revolução Francesa, na qual atuava como ator, testemunha e intérprete. Por essa razão, o trabalho ganhou o título de *O pensamento radical de Thomas Paine* (1793-1797): artífice e obra da Revolução Francesa (Carvalho, 2017). A respeito do uso do termo “radical”, sobre o qual já fui questionado, é preciso dizer que, na década de 1790, os adversários de Paine – especialmente no mundo de língua inglesa – já o acusavam de radicalismo, termo que se politiza precisamente nessa década.

Optei por fazer pós-graduação sem bolsa, dado que, logo no fim de minha graduação, fui contratado por algumas escolas particulares para lecionar. Eu temia, como tantos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as), terminar o doutorado e ver-me sem perspectivas de trabalho. Retrospectivamente, contudo, vejo na opção pela docência mais ganhos do que perdas: minha ampla experiência em sala de aula, hoje, me torna um professor mais sensível aos problemas de meus alunos e minhas alunas, a maioria futuros professores e professoras.

Esse período também coincidiu com a ascensão da extrema direita no Brasil, a qual eu senti na pele e no bolso. Duas experiências foram tão traumáticas quanto instrutivas. Em 2014, por ocasião dos 50 anos do Golpe Militar, organizei em uma escola de São José dos Campos um evento para discutir o momento. O evento despertou uma reação organizada por parte dos militares na cidade e, dessa forma, esse foi meu último ano trabalhando nessa cidade. Nesse período, também gravei um brevíssimo vídeo a respeito das abordagens de gênero por parte dos historiadores e historiadoras, tendo em vista algumas questões de vestibular. Um deputado do Rio de Janeiro, hoje da ala bolsonarista, compartilhou o vídeo em suas redes sociais e eu acabei “denunciado” no site Escola sem Partido, o que veio acompanhado de uma série de ataques; à época me vi completamente desprotegido frente aos ataques das multidões virtuais sem rosto e o vídeo foi deletado.

No início de 2018, entreguei na biblioteca da USP a versão corrigida de minha tese de doutorado na Universidade de São Paulo, que incorporava as sugestões e críticas feitas pela banca. Poucos meses depois, em junho, prestei o concurso para professor efetivo de História Moderna na Universidade de Brasília (UnB), assumindo efetivamente em maio de 2019. Nesse intervalo, dei os primeiros passos para um pós-

doutorado a respeito do pensamento radical na Revolução Americana, sob orientação de Mary Anne Junqueira, mas interrompi em razão de minha aprovação na Universidade de Brasília.

Panofsky dizia que a história e a física carregam uma verdade em comum: em ambas, o tempo é relativo ao espaço. A mudança para Brasília foi um deslocamento no espaço que engendrou profundas transformações em minhas concepções a respeito da história. Meu trabalho na UnB me mostrou que, infelizmente, eu desconhecia uma enorme fatia da produção historiográfica brasileira não-sudestina. Nesse período, reconsiderei as posições neoburckhardianas de minha própria formação e, tendo o privilégio de estar na Universidade de Darcy Ribeiro, aprendi muito sobre o que é o ensino superior e seus desafios. Jamais conseguirei expressar em palavras toda a gratidão que tenho em relação aos amigos, estudantes e colegas da Universidade de Brasília.

FSS: É sabido que a História se confaz de um conjunto de técnicas, métodos e teorias compartilhadas pela comunidade historiadora o que confere o status de cientificidade à produção historiográfica, sobretudo, e também nos programas de pós-graduação. Destarte, fale-nos um pouco dos cursos e disciplinas que você ofertou ou que tem ofertado sistematicamente nos Departamentos de História (USP e UnB), tanto na graduação como quanto na pós-graduação.

Daniel Gomes de Carvalho: Por enquanto, tenho ofertado disciplinas de História Moderna na graduação e, no segundo semestre de 2025, pretendo ministrar uma disciplina sobre o Iluminismo, tendo em vista o livro que estou escrevendo sobre o tema para a Crítica, selo da editora Planeta.

Em minhas disciplinas de História Moderna busco um olhar sobre o período que escape do paradigma da “transição”, que foi hegemônico no século passado. Essa transição às vezes assume a forma de “feudalismo para o capitalismo”, “descentralização para a centralização” ou “virtude para o interesse”. Junto a isso, a época moderna costuma estar associada às “origens” ou às “fundações” – afinal, abundam livros sobre o período com o subtítulo “as origens do mundo moderno” (mas

os autores estão longe de decidir o lugar, o tempo e razão dessa suposta “origem”). Pergunta-se, com frequência, “o que há de moderno” ou “o que há de medieval” nesta ou naquela formação (Estado, ciência, etc), revelando uma operação de hipostasia do tempo (ela própria, moderna) que persiste em nossa tradição historiográfica. Em outros termos, o debate sobre a “modernidade” ou “medievalidade” de uma ou outra instituição ou fenômeno (Estado, Renascimento, Grandes Navegações, etc), embora já tenha produzido boas discussões, a meu ver tem como fundamento um equívoco metodológico, uma certa reificação do tempo.

De todo modo, a atual pesquisa, nos leva a necessidade de uma agenda pela ampliação da área, com o estabelecimento de parcerias com outras universidades pelo Brasil (no ano passado, na USP, meus alunos de História Moderna tiveram aulas com professoras de Pernambuco e Minas Gerais, diálogo que pretendo ser permanente), e pela diversificação de nossas abordagens e de nossa bibliografia, o que nos conduz não somente a necessidade de novas traduções para uso na graduação, mas também a produção de manuais e textos para uso universitário.

A história moderna, enfim, deve não somente libertar-se da sombra opressiva de Janus, mas também assumir um olhar a partir do Brasil, o que pode ser, sem dúvida, uma vantagem em termos metodológicos. Minha experiência no exterior, assim como a de muitos outros colegas em diversas universidades ao redor do mundo, mostra que não é incomum que as pesquisas conduzidas nas universidades dos países do hemisfério norte, por serem frequentemente autocentradas, acabem negligenciando uma perspectiva mais ampla (global, conectada etc.) dos fenômenos históricos — uma perspectiva que, para nós, devido à nossa condição histórica colonial, é incontornável. Esse olhar a partir do Brasil, acredito, está em sintonia com as propostas da Rede Brasileira de História Moderna, a qual publicou recentemente um livro de fôlego, *A Época Moderna*, pela editora Vozes, fruto do trabalho coletivo e colaborativo de dezenas de historiadores. Em agosto de 2025, teremos também um grande evento de História Moderna na USP, financiado pela CAPES, o qual contará com pesquisadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) com variadas perspectivas metodológicas.

FSS: Historicamente, devemos rememorar a importância do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB² e as obras infantis de Viriato Corrêa como os principais expoentes da Divulgação de História no Século XIX e XX. A historiografia produzida pelo IHGB legou marcas diferentes gerações de historiadores ao longo de décadas. Assim como o Colégio Pedro II tem uma importância na construção e consolidação dos conteúdos didáticos de história no currículo escolar brasileiro. Em termos equipolentes, a participação de historiadoras e historiadores públicas tem um papel importante na divulgação dos estudos históricos ao grande público, levando informações científicas às comunidades e estabelecendo pontes de diálogo com elas. Em síntese, a participação destes profissionais em diferentes plataformas, corroboram de forma relevante a divulgação da ciência histórica. No entanto, a nova cena da divulgação do conhecimento histórico exige novas formas de expressão e diálogos dos/as historiadores/as com o público em virtude a ampliação do interesse do grande público pelo conhecimento histórico como temos visto na História Pública. Nesse sentido, em que medida a participação de historiadoras/as contribui para a divulgação de História (Burke, 2012) nas plataformas digitais?

Daniel Gomes de Carvalho: É importante destacar que a divulgação científica é apenas um dos aspectos da História Pública, que é um campo muito mais amplo e diversificado. Desse modo, opto por me concentrar na divulgação científica, pois é o campo no qual tenho alguma experiência e familiaridade.

É comum lembrarmos uma entrevista bastante conhecida de Jacques Le Goff, concedida a Francesco Maiello nos anos 1980, na qual Le Goff afirmava que, duzentos anos após a consolidação da história como disciplina universitária, vivíamos um “triunfo da história”. Ele se referia à presença crescente da história na televisão, no rádio, nas editoras e, diríamos hoje, nas mídias sociais. No entanto, Le Goff fazia uma distinção crucial: o triunfo da história não significava o “triunfo do historiador”.

²A despeito do papel do IHGB fundado em 21 de outubro de 1838 para Manoel Salgado era “portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB [...] A coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil e o incentivo, ao ensino público, de estudos de natureza histórica” (Guimarães, 1988, p. 06-08).

Há, sem dúvida, uma ampla demanda social pela história — algo que todos nós percebemos quando ouvimos de parentes ou conhecidos a frase: “gostaria de fazer história também”. No entanto, que história é essa que se busca? Esse interesse social pela história, afinal, não se traduz necessariamente em uma valorização da história produzida por historiadoras e historiadores. Para o bem e para o mal, erudição, títulos e experiência não garantem credibilidade social ao historiador; e nem sempre a história que produzimos, repito, é a história demandada por esse público específico. Em outras palavras, o fascínio pela história, para fazer referência a uma conhecida passagem de Gumbrecht, vem paradoxalmente acompanhado de um ceticismo em relação aos historiadores, que frequentemente são deslegitimados como interlocutores públicos.

Não obstante, no que diz respeito aos podcasts de história, ao analisar aqueles de maior audiência nos últimos anos no Brasil — como, por exemplo, *História em 30 Horas*, *História Preta*, *Tramas Coloniais*, *História FM*, *Medievalíssimo*, *Estação Brasil*, o podcast do Laboratório de História Medieval da USP e *Hora Americana* —, percebo que a maioria deles é fruto de projetos universitários ou conduzida por pessoas que passaram pela universidade. Embora ainda seja necessário ampliar substancialmente a diversidade regional, racial e de gênero no comando desses podcasts, é alentador notar que, nesse caso, uma história de qualidade tem alcançado sucesso e engajamento (infelizmente, o mesmo não ocorre no YouTube, o que, acredito, está relacionado às próprias características do podcast enquanto mídia e à sua dinâmica no mercado).

Além disso, quando penso nos projetos de divulgação científica em história mais conhecidos, acredito que uma das grandes qualidades da divulgação científica em história no Brasil seja seu caráter predominantemente coletivo e colaborativo. Em vez de se configurar como uma espécie de *star system*, no qual um professor universitário tenta presentear os leigos com suas elucubrações, a maior parte produção de divulgação científica em história no Brasil envolve pessoas de diferentes formações e é marcada pela participação ativa em entrevistas e diálogos. Isso me enche de orgulho, pois parece que conseguimos escapar de um modelo de divulgação centrado em indivíduos, algo que, salvo engano, não se observa com a mesma clareza em outras áreas das humanidades no país.

A fórmula colaborativa de produção na divulgação científica pode também se tornar um espaço de aprendizado para os próprios historiadores. Um exemplo disso é o *Café História*, no qual professores universitários, em colaboração com o editor Bruno Leal, muitas vezes aprendem a repensar sua escrita para o grande público. Outro caso é o projeto *Mais Teoria da História na Wiki*, do qual participei a partir da minha disciplina de História Moderna em 2024. A experiência me permitiu aprender muito sobre a Wikipédia e suas dinâmicas internas, com muitos aspectos que até então eu nem imaginava. Atualmente, coordeno também o Canal do Youtube História – USP³, no qual promovemos a divulgação de documentos audiovisuais do arquivo da FFLCH (com a ajuda fundamental do trabalho de Olga Cruz e Pedro Antunes), entrevistas e aulas com os(as) docentes.

FSS: Diante da proliferação de conteúdos históricos em diversas mídias digitais e da crescente presença de narrativas negacionistas e revisionistas, o ensino de História enfrenta desafios significativos. A difusão histórica em diferentes ambientes e linguagens destaca a importância da História Pública Digital. Nesse sentido, há Canais Institucionais criados um curso de graduação ou pós-graduação, laboratórios e núcleos de pesquisa, revistas científicas e associações científicas; Canais de curiosidades históricas criados por memorialistas e pessoas sem formação em história com narrativas dos ‘grandes eventos e heróis’; Canais de Ensino voltados para vestibulares e Canais de Divulgação de História, criados por historiadores(as) profissionais voltadas para grandes audiências, a exemplo do Podcast e Canal História Pirata⁴ inscrito no Youtube

³ O *História USP - Canal Oficial* constitui-se em um projeto de história pública e espaço de publicização digital ligado ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, objetiva a divulgação científica de história, a partir da produção de professores e alunos do departamento, a exemplo de entrevistas, documentários, vídeos, podcasts, debates e discussões acerca da historiografia voltado para todas as audiências. Atualmente conta com 8,36 mil inscritos e aproximadamente 300 vídeos publicizados. Atualmente é coordenado pelos professores Daniel Gomes de Carvalho e Gustavo Velloso. O projeto conta com a colaboração dos acadêmicos Fernando Cyrillo Júnior, Daniela Ferreira, Olga Beatriz Steffen Cruz, Pedro Cesar Antunes de Amigo, João Victor Silvério de Assis Ribeiro de Oliveira e Michele Cristina Jesus Santos.

⁴ Chamada do Canal História Pirata “Arrrr! Marinheiro, prepare-se para singrar na imensidão desse mar repleto de histórias. A história é, nas palavras de Alfredo Bosi, um navegar no qual as datas seriam como as pontas de icebergs, balizas que nos ajudariam a traçar um caminho. Arthur Rimbaud, em um dos seus mais conhecidos poemas, compara a história a um “Barco Bêbado”, sem direção ou sentido, traça seu caminho naquilo que nos é, via de regra, imprevisível. Mas, aqui, caro tripulante, aqui trata-se de um navio pirata. Navegar não será o suficiente. Neste navio mergulharemos nossas cabeças d’baixo

em 15 de março de 2023, atualmente conta mais de 8 mil inscritos, 20 vídeos publicados com quase 50 mil visualizações. A este respeito, conte-nos um pouco de como se deu a concepção desse projeto, a história e os envolvidos no processo. A que você atribui o sucesso do Canal História Pirata? E por fim, quais as dificuldades de um projeto de Divulgação Científica de História no Brasil?

Daniel Gomes de Carvalho: O termo “podcasting” foi introduzido pelo jornalista britânico Ben Hammersley, do *The Guardian*, em 2004. Ele resulta da combinação de “iPod” e “Broadcast”. Em 2005, há 20 anos, o *New Oxford American Dictionary* elegeu “podcast” como a “palavra do ano”. Vale destacar que os brasileiros, conhecidos por seu apreço pelas mídias digitais, começaram a produzir podcasts ainda em 2004, no mesmo ano em que esse formato surgiu nos Estados Unidos. Alguns pesquisadores brasileiros, nesse sentido, foram pioneiros no formato, caso da historiadora Tupá Guerra, por exemplo.

De minha parte e da parte do Rafael Verdasca, meu parceiro de trabalho no podcast *História Pirata*, sempre houve uma afinidade com essa mídia. Desde cedo, os podcasts nos pareciam mais atraentes do que os conteúdos veiculados no YouTube ou mesmo no Facebook e no Instagram. Gostávamos de programas como o *Hardcore History* e o *Salvo Melhor Juízo*, que foram algumas de nossas inspirações. No Reino Unido, hoje, os podcasts mais populares são os podcasts de História, como o *The RestIsHistory*, maior podcast de história do mundo, comandado pelos historiadores Dominic Sandbrook e Tom Holland. A propósito, quando estivemos no Congresso Internacional de História Pública na Universidade de Luxemburgo, em 2024, a falta de diversidade de gênero nos podcasts de língua inglesa foi um tópico que proporcionou acalorados debates entre os participantes.

Mas por que decidimos criar o *História Pirata*? A origem do podcast está profundamente ligada ao ensino de história. Como disse, pós dois fomos professores do ensino básico na mesma escola da rede privada de São Paulo por muitos anos, período

d'água pra buscar compreender toda a massa de gelo que há em cada iceberg. Aqui, todo motim será bem-vindo. Aumenta o volume, arruma seu tapa-olho e prepare-se porque já vamos zarpar”. Para mais informações, vide Youtube: www.youtube.com/@historiapiрата / Instagram: instagram.com/historiapiрата / Spotify: open.spotify.com/show/2G6ahjQVUjZod8LsfPYVRq / Soundcloud: soundcloud.com/user-409417183

em que concluímos a graduação e eu cursei o mestrado e o doutorado. Na escola, coordenamos diversos projetos, como um Cineclube de História, que durou dois anos. No entanto, por ser uma instituição privada com forte ênfase no vestibular, sempre fomos limitados em nossas possibilidades de trabalhar a história de maneira mais próxima à abordagem crítica, com uso de fontes e debates historiográficos.

Nesse contexto, nossos almoços e intervalos no colégio se tornaram momentos de intensos debates sobre história, aos quais se juntaram outros professores que passaram pela mesma instituição. Como disse, durante a pandemia, o Rafael deu início ao podcast. Sua ideia inicial era produzir programas complementares para os alunos, ou seja, o podcast surgiu como um recurso auxiliar ao ensino presencial. Isso fica evidente nos primeiros quatro ou cinco episódios, que tinham uma ênfase maior no vestibular e no conteúdo do ensino médio. Porém, após uma certa resistência inicial da minha parte, Rafinha me convenceu a criarmos um formato no qual pudéssemos simplesmente gravar as conversas sobre história que já tínhamos informalmente – mas, desta vez, sem as amarras do ensino básico e do vestibular. Assim nasceu o *História Pirata*.

Nosso primeiro programa em conjunto, sobre a Longa Idade Média, era um debate que costumávamos ter nos intervalos de aula. Evidentemente, para mantermos a qualidade do programa, passamos a intercalar programas nossos com a presença de convidados; inicialmente, eram meus colegas na UnB e, com o passar do tempo, expandimos para parcerias com outras universidades e outros projetos. Atualmente, cheguei em um ponto em que eu tenho um podcast para quase todas as minhas aulas no curso de História Moderna na Universidade, o que tem sido uma experiência que tem ajudado bastante no ensino.

Seja como for, escolhemos o podcast como formato porque entendemos que ele nos permitiria discutir ideias com mais complexidade e sem a pressa imposta por outras mídias. Nosso objetivo sempre foi encontrar um equilíbrio: adotar uma linguagem acessível, sem, no entanto, ceder aos imediatismos das redes sociais (e, claro, Thomas Paine é uma das grandes referências históricas no que diz respeito a democratização da linguagem). Sempre desconfiei daqueles que turvam águas rasas para que pareçam profundas, recorrendo a uma linguagem artificialmente rebuscada para criar uma falsa erudição – um artifício frequentemente usado para mascarar a fragilidade dos próprios

argumentos. Em contrapartida, reconhecemos que certos temas, por sua própria natureza, exigem um nível maior de sofisticação na exposição. Nesses casos, recusamo-nos a simplificar em excesso, preservando o refinamento necessário para uma discussão genuína e rigorosa.

O podcast se destaca pelo baixo custo de produção, pela simplicidade do processo – que dispensa câmeras e edição de imagens – e pela facilidade de integração com mídias sociais. Além disso, por ser um formato em áudio, consome menos dados de internet, permitindo que mais pessoas o ouçam fora de casa. Isso explica a popularidade da escuta durante atividades como a prática de esportes, o trabalho, o trânsito e as tarefas domésticas. Mais do que uma questão de praticidade, estudos sugerem que narrativas em áudio podem ser cognitivamente mais envolventes. Isso ocorre porque ouvir uma história estimula um processo ativo de cocriação por meio da imaginação. Por essas razões, nossa experiência com o YouTube foi breve, embora não descartemos a possibilidade de retomar a plataforma no futuro.

Embora, no podcast, a postura do ouvinte seja mais ativa do que no *YouTube* devido à posição de assinante, não devemos superestimar os aspectos democráticos desse formato. Como destacou a pesquisadora Alê Primo, importante referência na discussão sobre o tema, a ênfase na simples emissão mantém uma visão polarizada do processo comunicativo, concentrando o foco no polo emissor. De fato, a ausência de coincidência temporal entre a produção de um podcast e sua escuta impede um encontro sincrônico entre podcasters e audiência. Essa característica nos leva ao cerne da discussão sobre o podcast no contexto da História Pública, evidenciando seus limites e desafios enquanto ferramenta de diálogo e engajamento.

FSS: Professor Daniel, agradecemos por nos receber em seu estúdio historiográfico, e partilhar conosco suas vivências nas diferentes formas de fazer e conectar conhecimento histórico na grande jornada da divulgação científica de História na interface do ser podcaster e historiador em tempos digitais. Desejamos uma belíssima jornada a este brilhante historiador público pelos caminhos da História e Historiografia Moderna, que não se renda ao academicismo, continue a fazer frente a renovação da prática historiográfica em tempos digitais, singrando por estes mares quase nunca

navegados, surfe e mergulhe nessas águas profundas e ainda pouco desbravadas da História Pública. Sendo a USP uma caixa de ressonância suas reverberações são e serão importantes à historiografia contemporânea em curso, possibilitando novas formas de historiar. Muitíssimo Obrigado!

Daniel Gomes de Carvalho: Muito obrigado pelo convite, Fagno, foi uma honra poder conversar com vocês, espero que a entrevista ajude!

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

CARVALHO, Daniel Gomes de. *Filosofia para Mortais - Pensar bem para viver bem*. 1. ed. São Paulo: Harper Collins, 2020.

CARVALHO, Daniel Gomes de. O Apocalipse da natureza de Walking Stewart (1747-1822): Um excêntrico no Iluminismo? *Varia História*, v. 38, p. 125-160, 2022.

CARVALHO, Daniel Gomes de. *O pensamento radical de Thomas Paine (1793-1797): artífice e obra da Revolução Francesa*. 2017. Tese [Doutorado em História Social]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARVALHO, Daniel Gomes de. Paoli e a Córsega na Era das Revoluções. Múltiplas perspectivas para a historiografia revolucionária. In.: MARQUESE, Rafael de Bivar; PIMENTA, João Paulo; MORELI, Alexandre; SOARES, Rodrigo Goyena. (Org.). *Sistemas, tempos, espaços e o La-Mundi em dez anos de fazer historiográfico*. 1ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2024,

CARVALHO, Daniel Gomes de. *Revolução Francesa*. 1. ed. Contexto, 2022.

CARVALHO, Daniel Gomes de. Thomas Paine e a Revolução Francesa: entre o Liberalismo e a Democracia (1794-1795). *Revista de História*, p. 1-37, 2021.

CARVALHO, Daniel Gomes de. *Thomas Paine e a Revolução Francesa: religião, democracia e justiça social (1793- 1797)* - Ebook. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2024.

CARVALHO, Daniel Gomes de; FLORENZANO, Modesto. A (des)fortuna de Thomas Paine: um problema histórico e historiográfico. *Tempo* (UFF), v. 25, p. 320-341, 2019.

CARVALHO, Daniel Gomes de; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. A Revoluções Atlânticas: Estados Unidos e França. In.: ARAÚJO, André de Melo; DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe Silvério; MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro; RODRIGUES, Rui Luís (Orgs.). *A Época Moderna*. 1ed.Petrópolis: Vozes, 2024.

CARVALHO, Daniel Gomes de; PINORI, Gino de Castro. Aspectos da(s) ideia(s) de Europa na Época Moderna. *Diálogos*(On-line), v. 28, p. 211-236, 2024.

CARVALHO, Daniel Gomes de; SILVA, Camilla Cristina; OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. A Revolução Francesa no Youtube: usos políticos pelas direitas brasileiras (2018-2022). *Revista Húmus*, v. 14, p. 87-119, 2024.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no Youtube. *Estudos históricos*. Vol. 33, n.69, Rio de Janeiro, 2020.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Civilização nos trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, n.1, 1988.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença
Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 01/07/2025
Aprovado em: 08/10/2025